

ensaios

O compromisso e o encontro

Gabriel Lombardi

Existe, para nós, aquilo que não se escolhe: muitas vezes sentimentos, e com razão, que é muito pouco o que depende de nós mesmos, de nossa vontade consciente ou inconsciente; Colette Soler falou disso há alguns anos no Rio de Janeiro. Pois bem, sem dúvida é nessa estreita margem de liberdade que nos resta o local onde reside o que para cada um de nós é decisivo, o núcleo ético de nosso ser, ali onde o pulsional pode conjugar-se, ou não, com o desejo que vem do Outro.

Por isso em nossa vocação, no amor, em nossa condição de seres livres, um pouco livres, não escolhemos o que ocorre na modalidade do necessário. Enquanto psicanalistas, tampouco buscamos aí a etiologia dos sintomas. A história e a clínica da psicanálise sugerem fortemente que o que chamamos de causa, causa do sintoma, causa subjetiva, não responde ao regime do necessário, senão a outras coordenadas lógico-temporais.

A causalidade que nos interessa, e que nos interessa no gozo como ponto de enlace do desejo do Outro, é a que ocorre “por acidente”, como dizemos em termos aproximados, e talvez seja melhor dizer “por trauma”, por descontinuidade, por ruptura temporal que marca um antes e um depois. Ocorre como por acaso, de um modo não programado.

Para considerar as causas acidentais, Lacan¹ se inspirou no segundo livro da *Física* no qual Aristóteles explica que a causalidade por acidente se ordena em dois registros diferentes do ser: o evento que ocorre em um ser incapaz de escolha é denominado *autómaton*, o evento que ocorre em um ser que seja capaz de escolher é denominado *túkhe*; termo que usualmente se traduz para o espanhol como “fortuna”, mas que Lacan, sob a influência de Freud, prefere traduzir como *rencontre*, encontro ou reencontro.

O exemplo de *túkhe* que propõe Aristóteles é o seguinte: um homem teria podido, se o soubesse, dirigir-se a determinado lugar para recuperar uma soma em dinheiro, justo quando seu devedor recebe uma soma considerável. Chega ao local exatamente no momento oportuno, mas não com essa finalidade, senão por acaso. Por acidente lhe ocorre que tendo chegado aí, chega também para reunir-se com o devedor e encontrar o dinheiro que lhe era devido. E não porque venha a esse lugar frequentemente ou necessariamente,

¹ Lacan, *O Seminário*, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964/1990).

ocorre por acaso algo que ele desejava, e se ativa assim uma escolha em um momento inesperado, por um efeito de fortuna, um efeito de encontro accidental de algo desejado.

O verbo *tukhêin* significa então estar presente no lugar e no momento oportuno para encontrar alguém ou algo que talvez não se esperasse conscientemente, mas se desejava encontrar. Antecipa a dimensão do inconsciente.

Qual é, para nós, a importância do que ocorre por acidente, por trauma? O que extrai do necessário, dando lugar à escolha, que é o ato essencial do ser falante?

O compromisso e o encontro

O exemplo de Aristóteles tem a virtude de descrever um encontro sem compromisso prévio, sem *rendez-vous* agendado.

A clínica da neurose nos acostumou, por outro lado, aos exemplos de compromissos sem encontro: o compromisso foi marcado, mas o encontro não se produz, falha, é postergado, deixa-se passar a ocasião. A tensão essencial que faz da neurose uma patologia do tempo, uma defasagem entre o desejo e o ato, se expressa cotidianamente na brecha lógico-temporal entre compromisso e encontro.

Um esclarecimento para este *Rendez-vous* multilíngue: os termos “compromisso” e “encontro” se recobrem parcialmente, mas podem ser diferenciados em algumas línguas: espanhol, francês, inglês e também se pode contrapor o termo latino *cito* ao grego *tukhêin*.

Compromisso	Encontro
Cita	Encuentro
Rendez-vous	Rencontre
Appoinement	Meeting/ Encounter
Citote (imperativo: rendez-vous!)	Tunkhano (encontrar por acaso)
Cito: chamar, fazer vir	Tukhêin: responder ao desejo e à expectativa. ²

² Um exemplo de Tucídides em suas Crônicas da Guerra do Peloponeso: Τὴς ἡκástου βουλῆσος τε καὶ δόξαν tukhêin (responder ao desejo e à expectativa de cada um).

³ Lacan, *O Seminário: Problemas cruciais da psicanálise* (1964-65/inédito).

Em seu seminário *Problemas Cruciais para a Psicanálise* Lacan³ dá um exemplo de compromisso tomado da teoria do signo de Pier-

ce: “cinco vasos na janela com a cortina puxada para a esquerda”, cujo significado, segundo o linguista, seria: estarei sozinha às cinco. Lacan observa, no entanto, que não se trata de um signo que constitua uma mensagem unívoca. O que quer dizer “sozinha às cinco”? Remetamo-nos à aula de 5 de maio de 1965 para a preciosa análise que ali se realiza: sozinha, *seule*, significa também *única*, somente para ele, o único que recebe a mensagem diante dos olhares cegos da vizinhança. Retenhamos somente este comentário nosográfico de Lacan: quem receber este signo responderá de um modo diferente de acordo com seu tipo clínico; no caso do psicótico a atenção recai sobre a mensagem e seu *lekton*, o perverso se interessa pelo desejo em jogo e o segredo possuído, o neurótico põe a ênfase no encontrar, ou melhor dizendo, reencontrar o objeto.

O neurótico enfatiza o que os estoicos chamavam *tunkhánon*, mas com a seguinte particularidade no que se refere ao encontro: para frustrá-lo. De fato, as diferentes neuroses podem ser entendidas como formas diversas de evitar o encontro, de faltar ao compromisso com o desejo. O hiato acentuado por elas entre compromisso e encontro as distingue de outros tipos clínicos, destacando a defasagem temporal que separa o sujeito de seu ato, revelando essa ordem causal descrita por Freud e antes vislumbrada por Aristóteles, na qual o perdido e o desejado foram esquecidos e só se reencontram acidentalmente.

Quando, ainda assim, alguma vez o encontro ocorre é, de maneira geral, completamente ignorado pelo sujeito, ou então é considerado como um mau encontro, um acontecimento a destempo; muito cedo para o histérico, muito tarde para o melancólico, o obsessivo, por sua vez, emprega uma estratégia temporal mista para faltar ao encontro: antecipa tarde. Em qualquer caso trata-se de um acontecimento a destempo que de todo modo leva a marca do desconhecimento.

Os sonhos de desencontro são típicos da neurose, e é fácil encontrar neles exemplos que ilustram bastante bem essa evitação que é essencial nesse tipo clínico. Uma paciente solteira, atraente ainda que não tão jovem, procura a análise justamente por não conseguir encontrar um homem que ao mesmo tempo seja interessante e que ainda não esteja casado. Relata dois sonhos frequentes em sua vida

antes de começar sua análise. No primeiro sonho está em sua casa, entrincheirada, rodeada de índios. “Que susto!” - diz em tom infantilizado. No segundo sonho sai de sua casa, mas como um espírito, sem que os outros possam vê-la, um espírito sem corpo. “Fico encantada!”, comenta, divertida.

As estratégias de desencontro são diversas na neurose. É típico da histeria ceder a corporeidade a Outra mulher, assim como faz parte das estratégias do obsessivo realizar o desejo sem que se note, de contrabando. Mas se prestamos atenção, podemos perceber que as técnicas de desencontro nas neuroses situam-se eminentemente sobre o eixo do tempo. A espera, a programação, o aborrecimento, a antecipação fora de tempo, o demasiado tarde, o demasiado cedo, a falta ao compromisso sem dar-se conta e pelos mais diversos motivos e inclusive a urgência subjetiva desorientada são algumas das modalidades de encobrimento do tempo nas neuroses. A intervenção analítica tratará de reintroduzir o tempo como coordenada ética, como chamado à finitude, feito a partir do único ponto de transcendência que resta ao ser falante: o desejo do Outro, desejo que cabe ao analista encarnar.

O ato do analista

Esta tensão essencial que faz da neurose uma patologia do tempo, esta brecha temporal entre compromisso e encontro, se apresenta também na cura psicanalítica, pondo à prova a eficácia do tratamento. Por causa dela a psicanálise não se reduz à aplicação de um método que se atenha a encontros rotineiros. A psicanálise tem um método, aquele que prescreve a regra fundamental freudiana, mas o cumprimento desse método depende da autorização que confere ao analisante, a cada vez, o ato do psicanalista, ato que há de responder à lógica do encontro, com o que ela implica de oxímoro. Lacan o disse magistralmente em seu seminário *O desejo e sua interpretação*:

A análise não é uma simples reconstituição do passado, não é tampouco uma redução a normas preestabelecidas, não é um epos, não é um ethos; eu a compararia com um relato tal, que o relato mesmo seja o lugar do encontro daquilo que se trata no relato⁴.

⁴ Lacan, *O Seminário: O desejo e sua interpretação* (1958-59/inédito, aula de 10 de julho de 1959).

Evocarei aqui o exemplo de outra paciente que relata sua interpretação de um sintoma duradouro, mas já desaparecido, a bulimia, como um sintoma da falta de intervenção de seu pai, 60 anos mais velho do que ela, em algumas situações precisas de sua infância e adolescência, situações dominadas pelos caprichos da mãe. Curiosamente, o diz em tom de censura, como se essa censura se dirigisse atualmente ao analista, pelo que eu me autorizo a dizer-lhe, sem ocultar certo incômodo:

– “Você esperaria que eu intervisse no passado antes que esta análise comece?”

– “Não, não! Eu não diria ‘esperaria’, eu esperava uma intervenção, mas ela não chegou, e por certo, agora é tarde, tive que cortar eu mesma essas situações com meu sintoma, e depois tive que terminar eu sozinha com meu sintoma quando me encontrei diante do limite do sangue no vômito. Bem, sua intervenção chega tarde!” Acrescenta com raiva. “Que quer que eu faça?” Mais adiante consegue matizar: “Está tudo mal, mas de todas as formas creio que aqui poderei elaborar e talvez já esteja elaborando de outra maneira isso que me ocorreu, essa falta de intervenção que me forçou a ter que ajeitar eu mesma as coisas.”

Esta vinheta ilustra para mim um encontro analítico, neste caso pela reedição que o analisante teve que realizar diante da falta de intervenção do Outro, com a diferença, nesta reedição, que o analista encarna agora uma causa mais desejável do que aquela que animou a instalação ou o desaparecimento do sintoma-acting bulímico. As tesouras da interpretação analítica melhoram, sem dúvida, o instrumental precário que o sujeito encontrou anos antes para cortar: os limites impostos ao sujeito pelo corpo, a angústia diante do sangue. Agora o analista chega demasiado tarde à sua vida, é verdade, mas ao acolher seu pedido anacrônico traz alívio ao sofrimento e dialetiza as posições libidinais da analisante. Os pedidos do neurótico são sempre anacrônicos, o que há de particular neste caso é que esse traço temporal nesta oportunidade não foi camuflado.

Para sua concepção do ato psicanalítico, Lacan se inspirou em *On Transference*⁵, um texto em que Winnicott sustenta que em determinados momentos do tratamento analítico o analista deve: “... permitir que o passado do paciente *seja* presente”, para reviver esse

⁵ Winnicott, D. On Transference. Este precioso texto é citado por Lacan no Discurso na Escola Freudiana de Paris (1967), in: Outros Escritos (2003, p. 280).

momento em que a criança, no momento do corte disruptivo em que deveria ter experimentado fúria, não encontrou o Outro diante do qual fazê-lo. O relato atual ao analista não poderia realizar-se verdadeiramente sem que esta fúria se manifestasse. Somente se esta vez ela não só se revela mas também se realiza, o analisante pode encontrar o Outro de uma maneira diferente do que através da assunção de um falso *self* – máscara que repete e assinala aquele desencontro primeiro.

A clínica freudiana do encontro

A *Psicologia da Vida Cotidiana* de Freud oferece ao psicanalista a possibilidade de sensibilizar-se em relação à clínica do encontro. Trata-se de um texto maravilhosamente enredado nos golpes da fortuna, naquilo que ocorre como por acaso, nos pequenos atos que se afirmam tanto mais fortemente como atos na medida em que representam falhas no fazer. A divergência entre o compromisso e o encontro foi particularmente ali objeto de observações e comentários. Tomemos o exemplo de um encontro milagroso com uma pessoa em quem justamente estávamos pensando, um exemplo “simples e de fácil interpretação”, segundo o próprio autor:

Alguns dias depois de me outorgarem o título de professor, que confere considerável autoridade nos Estados de organização monarquista, ia eu passeando pelo centro da cidade quando, de repente, meus pensamentos se voltaram para uma fantasia infantil de vingança dirigida contra determinado casal. Meses antes, eles me haviam chamado para ver sua filhinha, em quem surgira um interessante sintoma obsessivo logo depois de um sonho. Interessei-me muito pelo caso, cuja gênese eu acreditava discernir; entretanto, minha oferta de tratamento foi recusada pelos pais, e eles me deram a entender que estavam pensando em consultar uma autoridade estrangeira que realizava curas pelo hipnotismo. Eu fantasiava que, após o fracasso total dessa tentativa, os pais me rogavam que instituisse meu tratamento, dizendo que agora tinham plena confiança em mim, etc. Eu, no entanto, respondia: “Ah, sim, agora vocês têm confiança em mim, agora que também me tornei professor. O título nada fez por alterar minhas

aptidões; se vocês não puderam usar meus serviços enquanto eu era docente, também podem prescindir como professor.” — Nesse ponto, minha fantasia foi interrompida por um sonoro “Bom dia, senhor professor!” e quando ergui os olhos, vi que passava por mim exatamente o mesmo casal de quem eu acabara de me vingar mediante a recusa de sua proposta. Uma reflexão imediata destruiu a impressão de algo milagroso. Eu estivera andando em direção ao casal por uma rua larga, reta e quase deserta; a cerca de vinte passos deles, erguera o olhar por um momento, vislumbrara de relance suas figuras imponentes e os reconhecera, mas afastara essa percepção — seguindo o modelo de uma alucinação negativa — pelas razões emocionais que então se efetivaram na fantasia surgida de modo aparentemente espontâneo⁶.

⁶ Freud, Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901/1996, pp. 258-9).

Não se trata, neste exemplo, de um encontro com alguém em quem Freud estava pensando conscientemente; os pensamentos aí se produzem mais como consequência de uma percepção prévia. Este exemplo nos mostra outro traço que caracteriza os fatos fundamentais da psicanálise: as coordenadas do encontro e do desencontro não necessariamente são percebidas pela consciência, e como em outras manifestações do inconsciente, frequentemente podem ser situadas entre a percepção e a consciência, depois da percepção, mas precedendo a consciência.

A alteração anti-intuitiva da ordem causal é típica destes “fatos” que na verdade são atos, como também ocorre nas premonições oníricas que “se cumprem”; se cumprem, explica Freud, apenas pela inversão da sequência temporal dos fatos. Um encontro sem compromisso prévio responde às coordenadas de uma escolha inconsciente, na qual o ser falante se expressa fora do domínio egoico.

O voluntário no ser falante não se reduz à vontade consciente.

Nossa política de Escola

A distinção entre compromisso e encontro pode ser relevante não só na clínica da psicanálise, mas também em sua política.

Como designação de uma reunião internacional, o termo *rendez-vous* (cita, compromisso agendado) é mais prudente que *ren-*

contre (*encuentro*, encontro) porque nada garante efetivamente que em um compromisso haja encontro e, menos ainda, que o que se encontra seja o esperado. Em todo caso, o desejo que pode animar alguns não poderia cumprir-se no registro do necessário, sem dar lugar ao que do desejo, em um ser capaz de escolha, se realiza no modo da *túkhe*.

O “*Encontro*” de 1998, por exemplo, assim foi chamado, mas não houve propriamente um encontro, ou pelo menos, não houve um bom encontro. Isso ilustra este traço estrutural do encontro, que responde a uma temporalidade que não obedece ao programa, o tempo da escolha.

O compromisso (*cita*) que nos convoca em modo imperativo (*citote/rendez-vous!*) é uma convocatória que pode facilitar ou não o encontro. Comentando a distinção entre tu és o que me seguirás –*Tu es celui que me suivra(s)*– com ou sem “s”, Lacan mostrou que há diferentes maneiras de *citar* ao Outro, de chamá-lo, é diferente convidá-lo a partir do desejo do que dar-lhe instruções como a um autômato⁷.

O compromisso opera na modalidade do necessário, mas o encontro só se produz em seres capazes de escolha e na modalidade da contingência. A ética da psicanálise incita a perceber o que se encontra de real, e o que se encontra de real não necessariamente é um bom encontro, às vezes se apresenta sob a forma do que decepciona, do fracasso e, inclusive, da crise.

Haverá nestes primeiros dias de julho de 2008, em São Paulo, um encontro? Isto não está garantido de antemão. Coincidiremos na história que aqui se elabora, a história que, segundo dizia Heine, é a profecia do passado? Que fizemos nestes dez anos? Que esperamos para os próximos?

Os que comparecemos a esse compromisso (*cita*, *rendez-vous*) enfrentamos, por exemplo, a pergunta: qual é a regulamentação que necessitamos? Aproveito para deixar aqui minha opinião, que acredito ser coerente com o que acabei de expor. A regulamentação que necessitamos é a mínima necessária para assegurar o ato analítico em suas diferentes incidências: em intensão, facilitando o

⁷ Lacan, *O Seminário*, livro 3: as psicoses (1955-56/1985, aula de 13 de junho de 1956).

funcionamento dos dispositivos específicos da Escola que dão lugar a opções reais desde a perspectiva da psicanálise; em extensão, facilitando o acesso do psicanalista a outros contextos nos quais ele tenha a chance de fazer de seus compromissos profissionais, ocasiões de encontro psicanalítico.

Tradução: Luis Guilherme Coelho Mola
Revisão: Conrado Ramos

Referências bibliográficas

- FREUD, S. (1901). *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VI).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 3: as psicoses (1955-56)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, J. *O Seminário: O desejo e sua interpretação (1958-59)*. Inédito.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- LACAN, J. *O Seminário: Problemas cruciais da psicanálise (1964-65)*. Inédito.
- LACAN, J. (1967). Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Resumo

A tensão essencial que faz da neurose uma patologia do tempo, uma defasagem entre o desejo e o ato, expressa-se cotidianamente na brecha lógico-temporal entre compromisso e encontro. O compromisso foi pactado pelo neurótico, mas o encontro não se produz, falha, se posterga ou se deixa passar a ocasião. Essa brecha lógico-temporal entre compromisso e encontro se apresenta também na cura psicanalítica, pondo à prova a eficácia do tratamento. Por causa dela a psicanálise não se reduz à aplicação de um método que se atenha a um compromisso rotineiro, nem a um final programável. Para fazer lugar para o desejo em um ser capaz de escolha, a psicanálise tem que realizar-se no modo do encontro (túkhe) e não do compromisso, do ato e não da tarefa programada. A distinção entre compromisso e encontro pode ser relevante não apenas na clínica da psicanálise, mas também na sua política. Como designação de uma reunião internacional, o termo “compromisso”, “rendez-vous”, é mais prudente que “encontro” ou “rencontré”, porque ninguém garante que efetivamente em um compromisso haja encontro, e menos ainda que o que se encontra seja o esperado.

Palavras-Chave

Compromisso, encontro, túkhe, desejo, ato, tempo.

Abstract

The essential tension which makes neurosis a time pathology, a mismatch between the desire and the act is expressed in everyday life in the logical time gap between appointment and encounter. The meeting, the appointment has been agreed by the neurotic, but the encounter does not occur, fails, is postponed or the opportunity is missed. This logical time gap between appointment and encounter is also present in the psychoanalytical cure, putting the effectiveness of the treatment to the test. For this reason psychoanalysis is not simply the application of a method which sticks to a routine appointment, nor to a programmed conclusion. To be receptive to desire in a being capable of choice, psychoanalysis must take place in the encounter mode and not in that of the appointment, or in other words, the act not the planned task. The distinction between appointment and encounter may be relevant not only in clinical psychoanalysis but also in the politics of psychoanalysis. It is wiser to call an international conference a “meeting”, “rendezvous”, rather than an “encounter” or “rencontre”, as there is no guarantee that in a meeting there is an encounter and much less that one encounters there what one expects.

Keywords

Appointment, encounter, túkhe, desire, act, time.

Recebido

23/04/2009

Aprovado

30/06/2009

